

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
CURSO DE PSICOLOGIA**

EDUARDA DORNELAS DA SILVA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: do silenciamento à
construção de projetos de vida saudáveis**

**COROMANDEL
2021**

EDUARDA DORNELAS DA SILVA

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: do silenciamento à
construção de projetos de vida saudáveis**

Artigo apresentado à Faculdade Cidade
de Coromandel como requisito parcial
para conclusão do Curso de Psicologia.

Orientadora: Profa. Ma. Larissa Isaura
Gomes

SILVA, Eduarda Dornelas da

Violência doméstica contra a mulher: do silenciamento à construção de projetos de vida saudáveis / Eduarda Dornelas da Silva – Orientadora: Profa. Ma. Larissa Isaura Gomes. Coromandel/MG: [s.n], 2021.

16.: il.

Artigo de Graduação – Faculdade Cidade de Coromandel.
Curso de Bacharel em Psicologia

1 Violência Doméstica. 2 Psicologia. 3 Direitos Humanos. I. Eduarda Dornelas da Silva II. Título.

Fonte: Faculdade Cidade de Coromandel - FCC. Biblioteca

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
EDUARDA DORNELAS DA SILVA**

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: do silenciamento à
construção de projetos de vida saudáveis**

Artigo aprovado em 30 de novembro de 2021, pela comissão examinadora,
constituída pelos professores:

Orientadora:

Profa. Ma. Larissa Isaura Gomes
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinador:

Prof. Me. Charles Magalhães de Araújo
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Profa. Esp. Angelita Valadares Hermann
Faculdade Cidade de Coromandel

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: do silenciamento à construção de projetos de vida saudáveis

Eduarda Dornelas da Silva *

Larissa Isaura Gomes **

RESUMO

A violência doméstica contra a mulher constitui-se numa demanda de saúde pública, de natureza multifatorial. A cultura patriarcal e machista atribui à mulher uma posição de submissão e de culpabilização pela violência que lhe é direcionada. Objetiva-se com esta pesquisa rediscutir sobre a violência doméstica contra a mulher, o papel do psicólogo nessas situações e as intervenções que podem auxiliar nos prejuízos psicológicos causados a partir do arcabouço teórico-prático da Psicologia, enquanto ciência e profissão. De natureza qualitativa, constitui-se, a partir de um levantamento bibliográfico, em base de dados científicos. A literatura investigada aponta que a violência doméstica precisa ser interpretada e considerada para além dos mitos atribuídos à temática. Esse tipo de violência é conjuntural e todos os indicadores contribuem para a compreensão do todo, com destaque para a cultura e valores sociais perpetuados ao longo dos tempos e produz repercussões para o campo da saúde física e psíquica, denotando o adoecimento das vítimas, dos agressores e do sistema social. As intervenções no âmbito da violência doméstica contra a mulher precisam amparar-se pelo rompimento do silenciamento para uma discussão aberta da temática que considere e acolha as vítimas e os agressores, bem como toda a sociedade. A Psicologia, enquanto ciência e profissão possui um compromisso inadiável com esta demanda que representa uma militância em prol das monitorias e do fortalecimento da defesa incondicional dos direitos humanos.

Palavras-chave: Violência Doméstica. Psicologia. Direitos Humanos.

ABSTRACT

DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN: from silencing to building healthy life projects

*Graduanda em Psicologia pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). eduarda-dor@hotmail.com
**** Mestre em Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Psicologia Jurídica pela Universidade Cândido Mendes (RJ). Especialista em Gestão Pública pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Gestão Pública da Saúde pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). Docente dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade Cidade de Coromandel e Faculdade Patos de Minas (FPM). Coordenadora do Curso de Psicologia da FCC. Coordenadora do Setor Psicossocial da Gestão Municipal de Saúde de Coromandel. E-mail: psicologa.larissa.isaura@hotmail.com

ABSTRACT

Domestic violence against women is a multifactorial public health demand. The patriarchal and sexist culture attributes to women a position of submission and blame for the violence directed at them. The objective of this research is to rediscuss domestic violence against women in the role of the psychologist in these situations and the interventions that can help in the psychological damage caused from the theoretical-practical framework of Psychology, as a science and profession. Qualitative in nature, based on a bibliographic survey, it is based on scientific data. The investigated literature points out that domestic violence needs to be interpreted and considered beyond the myths attributed to the theme. This type of violence is conjunctural and all indicators contribute to the understanding of the whole, with emphasis on the culture and social values perpetuated over time and produces repercussions for the field of physical and psychological health, denoting the illness of victims, aggressors and the social system. Interventions in the context of domestic violence against women need to be supported by breaking the silence for an open discussion of the theme that considers and welcomes victims and aggressors, as well as the whole society. Psychology, as a science and profession, has an urgent commitment to this demand that represents a militancy in favor of monitoring and strengthening the unconditional defense of human rights.

Keywords: Domestic Violence. Psychology. Human Rights.

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica é um fenômeno muito complexo que independe da classe social, da raça e ou idade. Trata-se da violência que mata, agride ou lesa a mulher. Esse tipo de violência pode ser cometido por qualquer pessoa que tenha uma relação familiar ou afetiva com a vítima. Faz parte do imaginário social em que as mulheres¹ evitam denunciar seus agressores por terem uma grande dependência emocional em relação a eles. É possível notar que as vítimas não compreendem a real situação vivida, que o ciclo de violência traz para suas vidas, acarretando então uma vulnerabilidade social (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012).

O enfrentamento de cada uma dessas situações é único, pois cada mulher encara tal situação de uma forma diferente. Segundo Saffioti (2004, p. 17), a violência caracteriza-se pela “[...] ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, psíquica, sexual e moral.” Há, portanto, componentes da subjetividade e da personalidade da mulher, correlacionados a essa questão.

¹ No presente trabalho utilizar-se-á a designação “mulher” para referir-se às pessoas que se identificam com o gênero feminino, independente do sexo biológico designado.

Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (BRASIL, 2021) a violência doméstica é considerada aquela violência que é executada no meio familiar, tornando-se uma das mais desumanas, já que esta é realizada dentro do vínculo social da vítima, considerado um local de acolhimento e conforto, passando a ser um ambiente hostil e perigoso, que resulta em um estado de medo e ansiedade. A violência doméstica ocorre entre pessoas que têm uma vinculação afetiva, envolvendo assim outras pessoas que convivem no mesmo meio que o agressor, podendo ser agregados e empregados. Destaca-se ainda que a delimitação do adjetivo “doméstico” não significa particularmente que a violência aconteça em apenas um espaço físico determinado.

O presente trabalho abordará a atuação do psicólogo no cuidado de mulheres que sofrem violência doméstica em seu meio familiar. Nesses casos, é notória a ocorrência vinda de seus maridos, namorados e até mesmo ex-cônjuges. De acordo com o Instituto Maria da Penha (IMP, 2018b), no art. 5º, a violência doméstica pode ser considerada qualquer ato ou omissão causado à mulher, que tenha como fins morte, lesões, sofrimento físico, sexual ou psicológico e danos materiais e patrimoniais, podendo ser ou não seguidos de ameaças, coerção ou privação de liberdade.

Diante desse contexto, objetiva-se com esta pesquisa rediscutir sobre a violência doméstica contra a mulher, o papel do psicólogo nessas situações e as intervenções que podem auxiliar nos prejuízos psicológicos causados a partir do arcabouço teórico-prático da Psicologia, enquanto ciência e profissão. É necessário abordar esse tema com o propósito de promover uma maior propagação do assunto, para que os profissionais atuantes na área estejam preparados para as intervenções necessárias, em prol dessas mulheres fragilizadas, pois a cada dia aumenta o índice de mulheres que são afetadas.

Qual seria então o papel do psicólogo na promoção e prevenção da saúde de mulheres que sofrem violência doméstica? Quais as possibilidades para a intervenção psicológica com essas mulheres? Supõe-se que a atuação do psicólogo com mulheres que sofrem violência doméstica poderia oferecer subsídios para que elas consigam identificar suas vivências como tal, buscando redes de apoio e proteção e orientações psicológicas para a elaboração da experiência vivida.

Foi realizada uma revisão narrativa de bibliografia nas bases de dados: Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online

(SciELO) e Qualis, Qualis-Periódicos ou Qualis/CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, utilizando as seguintes palavras-chave: Violência Doméstica, Psicologia, Tipos de violência, Mulher; que visa a analisar e apresentar o estado de conhecimento do tema proposto, possibilitando a síntese dos estudos de artigos publicados. Foram encontrados cerca de 900 artigos, sendo descartados os de outras áreas acadêmicas e os de outros idiomas, que não fazem parte da Língua portuguesa, sendo utilizados 16 artigos. A pesquisa foi feita com materiais do período de 2005 a 2021, para que seja possível analisar o desenvolvimento da violência contra a mulher através dos anos e se ter uma visão mais atual sobre a forma como o tema é discutido, na atualidade. Os materiais utilizados foram todos escritos em língua portuguesa, tendo como critério de inclusão todos os materiais relacionados ao direito da mulher e a psicologia.

A pesquisa está estruturada em três seções, a saber: achados teórico-conceituais sobre a violência doméstica, a correlação entre a violência contra a mulher e as repercussões para a saúde e as intervenções do psicólogo, visando à reconfiguração dessa realidade.

2 A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Na presente sociedade é comum relatos de violência serem noticiados, podendo esta ser notada em diversos campos sociais. Segundo Odália (2012), ao se analisar a trajetória da violência doméstica, percebe-se que ela sempre esteve presente nas relações, tendo em cada contexto suas particularidades. A violência doméstica tornou-se um dos graves assuntos da sociedade contemporânea, que se efetiva frente à visível face de desigualdade de gênero.

O termo violência doméstica denomina o mesmo sentido ao termo violência familiar ou ainda intrafamiliar e é nomeado assim devido a situações de maus-tratos direcionadas a alguém do âmbito familiar (CABRAL, 2008). Entende-se por violência doméstica uma violência subjetiva, interpessoal, com abuso de poder disciplinador, ocasionando um processo de vitimização, impondo maus tratos ao outro (DAY *et al.*, 2003).

Quando se fala da violência doméstica, destacam-se três papéis importantes: o da vítima, do autor e da testemunha. Esse fenômeno torna-se uma prática que fere a dignidade de alguém. O autor é aquele que invade a intimidade do outro, utiliza-se

da persuasão e do controle para manter e manipular o outro, colocando-se na posição de dominador. A vítima, por sua vez, encontra-se em uma posição difícil de ser identificada, que sofre, mas tem dificuldades de encontrar alternativas para conseguir ajuda, tanto por medo das ameaças sofridas quanto pela falta de uma rede de apoio (DAY *et al.*, 2003).

Segundo Zancan, Wassermann e Lima (2013) pode-se notar uma maior relevância do assunto nos últimos tempos; a violência doméstica passa a ser mais identificada dentro dos lares de algumas mulheres, sendo possível enxergar comportamentos e atitudes abusivas e relações de poder.

A violência doméstica que atinge várias mulheres pode manifestar-se de diversas maneiras e em diversas ocasiões. Há destaque naquelas que são acometidas em seus meios familiares. Assim, compreende-se que a violência doméstica refere-se às diversas formas de comportamentos dominantes, podendo ser psicológica, física e sexual (SANTI; NAKANO; LETTIERE, 2010). A violência doméstica pode ser exercida de diversas maneiras, sendo então atitudes crescentes, tanto de frequência, intensidade, quanto de gravidade (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

Existem algumas tipologias para se diferenciar o tipo de violência sofrido por cada mulher. A violência emocional ou psicológica trata-se do desprezar, diminuir, humilhar o outro, podendo vandalizar objetos pessoais que tenham valor afetivo para a vítima e ou criticar seu corpo, roupas, ameaçá-la de ser infiel, levá-la a acreditar que pode fazer mal a pessoas queridas, tentando diminuir todas as suas características. Esses comportamentos podem ser realizados tanto no privado quanto em público (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

A intimidação ou ameaça consiste-se no ato de o agressor ameaçar a vítima, mantendo-a sempre com medo, usando pessoas próximas como fonte para ameaças e até mesmo coagir a mulher, podendo ameaçar fazer algo contra eles. O agressor recorre a diversas formas para chamar a atenção da vítima sem que os outros percebam: um olhar fixo, tossir, mostrar objetos intimidatórios, entre outras formas, para que ela sempre se lembre das ameaças. Outra situação muito comum é a coerção para a realização de práticas ilícitas, para que assim mantenha a vítima sobre domínio dele (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009). Já a violência física consiste-se no uso brutal da força, que pode gerar lesões graves e hematomas, que podem levar à incapacidade e até mesmo à morte da vítima (MANITA; RIBEIRO;

PEIXOTO, 2009).

O isolamento social são formas que o agressor encontra para bloquear o contato da vítima com familiares e suas redes sociais, pois uma vítima isolada, sem o convívio com os outros é mais fácil de ser manipulada e controlada (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

Por fim, o abuso econômico é quando o agressor priva a mulher de usar seus bens materiais e dinheiro, podendo, às vezes, até privar itens básicos de higiene pessoal e de sobrevivência, e também ocorre o abuso sexual, que é toda forma de imposição de práticas de cunho sexual contra a vontade da vítima (MANITA; RIBEIRO; PEIXOTO, 2009).

Esse tipo de violência tem ganhado um destaque maior entre as preocupações dos profissionais de saúde, pois tais agressões são consideradas um problema de saúde pública. Esses tipos de comportamentos agressivos provocados por pessoas do próprio convívio da vítima tornam-se mundialmente conhecidos como a forma mais comum e predominante de violência (DEEKE *et al.*, 2009). Sendo assim, torna-se comum a aparição de notícias em que as mulheres são agredidas mais comumente por parceiros íntimos do que por qualquer outra pessoa.

Entretanto, pode-se identificar certas situações no cotidiano das pessoas, porém muitas vezes tais atitudes agressivas e opressoras são silenciadas pela sociedade (SANTI; NAKANO; LETTIERE, 2010). Gomes, Minayo e Silva (2005) apontam a violência contra a mulher como uma violação dos direitos humanos e estima-se que esse tipo de violência cause mais mortes às mulheres de 15 a 44 anos que o câncer, a malária, os acidentes de trânsito e as guerras.

De acordo com Silva, Coelho e Caponi (2007), é possível observar que a violência doméstica tem tido agravamentos, tanto em termos de qualidade como de quantidade; com isso compreende-se que as vítimas sofrem mais agressões e conseqüentemente estas são mais severas, complicando ainda mais a situação das mesmas. Assim, entende-se a ideia de que os atos violentos que acontecem no meio familiar podem até ter uma taxa de homicídio significativa, porém o prejuízo individual, familiar e social chega a ser catastrófico.

A Lei Maria da Penha, criada em agosto de 2006, assegura às vítimas de violência doméstica que seus direitos sejam respeitados, surgindo assim estratégias para reprimir tais atos sofridos por mulheres. Segundo o Instituto Maria da Penha (IMP, 2018a), existe um ciclo pelo qual todas as mulheres vítimas de violência

passam, sendo ele o aumento da pressão, onde a mulher sente-se coagida diante das explosões de raiva do parceiro, resultando em uma angústia muito grande, ansiedade e medo, porém esta se convence de que aquele comportamento seja resultado de um dia ruim dele, não aceitando a real situação vivida, escondendo os fatos, negando para si mesma que aquilo está acontecendo. A próxima fase caracteriza-se pelo ato violento em si, onde o agressor mostra a falta de controle e tem um poder destrutivo sobre a vítima, gerando sentimentos de vergonha, medo, ansiedade, fadiga e perda de peso, podendo também tomar decisões.

De acordo com o Ministério da Mulher, da família e dos direitos humanos (BRASIL, 2021), a fase de arrependimento é muito comum, conhecida também como “lua de mel”, onde o agressor mostra-se arrependido e espera a reconciliação com a vítima, levando a mulher a sentir-se confusa em relação ao seu relacionamento. Geralmente a fase de arrependimento traz um período relativamente calmo, fazendo-a pensar em tudo que viveram, sendo mais tocante quando há filhos na relação. Porém, logo se inicia novamente o ciclo de violência que perpassa por todas as fases. Com o tempo, os intervalos entre os ciclos ficam cada vez menores, fazendo com que a violência mostre-se em todas as situações, podendo acabar em feminicídio.

3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E AS CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE

A violência doméstica caracteriza-se pela violência acometida a uma mulher por um homem, conforme a condição de gênero e a relação de poder, determinando assim aspectos de vulnerabilidade à mulher, que são construídas socialmente. Várias agressões levam essas mulheres ao óbito, enquanto outras levam ao aparecimento de patologias crônicas. Alguns dos acontecimentos não são fatais, mesmo sendo, em grande parte das vezes, de alta gravidade, com caráter sistêmico e repetitivo (PORTO, 2006).

Essas violências provocam nessas mulheres consequências físicas e mentais, alteram seu senso de segurança e aumentam a busca incessante dos serviços de saúde e ajuda médica. Com isso, identifica-se uma alteração na qualidade de vidas dessas mulheres. A saúde de um ser humano depende da sua condição física, mental e social; com isso acredita-se que o bem estar de mulheres violentadas seja inferior ao das demais (CRUZ; IRFFI, 2019).

Reconhece-se que a violência gera efeitos diversos para a vida da mulher, que independe de sua idade e classe social, podendo gerar sequelas físicas e traumas psicológicos. Sendo que mulheres agredidas tendem a sofrer com baixa auto-estima e problemas de saúde, que fazem com que seja impossível desenvolver até mesmo atividades rotineiras (CRUZ; IRFFI, 2019).

Apesar de todo o sofrimento psicológico sofrido por essas mulheres, ainda existem as sequelas físicas, resultantes de todos os tempos de agressão. De acordo com Netto *et al.* (2014), muitas mulheres chegam à emergência dos hospitais com hematomas, escoriações e lacerações, que são resultados da brutalidade cometida. Há também mulheres que sentem dores pelo corpo, obesidade, síndrome do pânico, crise de gastrite e úlceras, desenvolvendo até mesmo dificuldades ligadas à sexualidade e complicações obstétricas, estando relacionadas à gravidez indesejada, aborto inseguro e disfunções sexuais.

Além disso, considera-se que o cuidado da mulher violentada é de grande dificuldade, decorrente dos diversos fatores relacionados à violência doméstica, como por exemplo, a dificuldade de comunicação, falta de compreensão sobre o assunto e o medo de retaliação por parte do agressor. Outro fato a se destacar é a consequência da violência para a saúde mental da vítima, interferindo em suas crenças de competências, suas habilidades para realizarem adequadamente seus recursos para o cumprimento de suas tarefas. A habilidade de se comunicar, de se relacionar com outras pessoas do seu meio social também é afetada, além de se desenvolver sentimentos de insegurança. Essas alterações psíquicas podem surgir decorrentes dos traumas causados pelas agressões. As marcas físicas podem ser claramente percebidas, mas acabam por desaparecerem com o tempo, enquanto as ofensas e humilhações deixam marcas para a vida toda (CIDREIRA, 2017).

Para essas mulheres, suportar a realidade torna-se uma atividade muito cansativa; sendo assim, precisam abdicar-se de seus sentimentos e de suas vontades. Com isso passam a desenvolver uma percepção de incapacidade, inutilidade e baixa autoestima, deixando de se valorizarem e terem amor próprio (FONSECA; LUCAS, 2006).

Esse assunto é de grande gravidade, pois fere os direitos de um ser humano e muitas vezes tais fatos ocorrem baseados em uma cultura machista, enraizada e de difícil batalha, que se mantêm por diversas razões, como vergonha sentida pela mulher violentada, dependência que a mesma tem do agressor, entre outros,

tornando de grande valia políticas públicas que protejam essas mulheres e incentive-as a procurarem ajuda e a denunciarem o agressor.

4 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA: intervenções para um cuidado qualificado

No contexto de violência doméstica, a psicologia é de fato muito importante para o acolhimento dessa mulher violentada, independente da abordagem ou da técnica utilizada para o atendimento. Faz-se necessário um vínculo entre terapeuta e vítima, fazendo com que seja possível criar uma segurança e confiança, para que assim tenha um ponto de partida para compreensão da situação vivida (SIMIANO; D'AVILA, 2019).

Com isso, identifica-se a necessidade de um acompanhamento psicológico para se criar estratégias psicológicas que as ajudem a superarem traumas da violência vivida, alterando sua realidade, conseguindo resgatar seus desejos e vontades. O profissional tem como objetivo, através de uma escuta ativa, mostrar outras formas vivenciais através de um olhar crítico de se proteger e conseguir retomar sua autonomia e identidade (SIMIANO; D'AVILA, 2019).

É de se esperar que esse trabalho realizado caminhe de forma lenta, onde se alcançam altos e baixos; é preciso modificar a idéia de que o ocorrido era uma situação natural. Através de orientação e acolhimento, o profissional mostra a essa mulher que a culpa da violência não pode ser depositada nela e tão pouco os motivos que levaram o agressor a cometer o ato (SIMIANO; D'AVILA, 2019).

Devido às consequências geradas a partir da violência doméstica cometida à mulher, identifica-se a necessidade de ações que trabalhem questões relacionadas aos setores das áreas de saúde, do judiciário, policial e psicossocial, onde os campos citados dão assistência, acompanhando a denúncia e a elaboração de novas ideações de vida para essas mulheres. O serviço ofertado tem como objetivo oferecer a essas mulheres ajuda, através de meios de detectar, precaver ou até mesmo reduzir danos causados pela violência. As intervenções têm o intuito de realizar esse suporte de identificação do problema e encaminhamento para serviços de redução de danos causados pela agressão, diminuindo as consequências geradas na vida dessas mulheres, bem como de seus filhos. Essas intervenções

podem ter caráter preventivo de futuros episódios da violência doméstica (MACHADO; LOURENÇO; BHONA, 2020).

Através de intervenções realizadas a partir das distintas áreas que têm o objetivo de amenizar danos na saúde dessas mulheres violentadas, torna-se possível classificar as intervenções de forma primária, secundária e terciária. As intervenções primárias associam-se às estratégias de prevenção; as secundárias têm em vista impedir a repetição da violência e na terciária aplicam-se as consequências geradas (MACHADO; LOURENÇO; BHONA, 2020).

É possível identificar que quanto mais agentes tomem atitudes para realizar algo, melhores resultados a sociedade terá sobre questões referentes à violência doméstica, mesmo que se identifiquem predominantes aspectos sociais e culturais que circundam as vítimas, a subjetividade deve ser mais bem entendida (PORTO, 2008).

Segundo os autores, algumas práticas podem auxiliar no acolhimento dessas mulheres vítimas das diversas formas de violência. É possível citar nesse artigo algumas intervenções que se fazem úteis para o acolhimento, como as intervenções grupais, os plantões psicológicos e as intervenções inter e multidisciplinares (SILVA; ATAÍDE; MOREIRA, 2021).

Através do diálogo aberto, as componentes dos grupos conseguem aprender e ensinar ao mesmo tempo, elaborando um olhar crítico sobre as vivências e encontrando formas de transformá-las, permitindo a ressignificação das experiências através da partilha de acontecimentos entre elas, tornando-se eficaz para compartilhar sentimentos e desenvolver estratégias de forma coletiva, para superar aquela situação que foi vivenciada (SILVA; ATAÍDE; MOREIRA, 2021).

O plantão psicológico consiste em um serviço realizado no momento de necessidade daquela vítima, sendo uma forma de acolhimento dos sentimentos e das emoções que perpassam a vítima naquela circunstância de violência e como uma forma de reorganização psíquica.

O atendimento realizado com vítimas de violência doméstica pode dar-se através da equipe inter ou multidisciplinar. A equipe multidisciplinar deve abarcar profissionais que realizem um atendimento na área jurídica, psicossocial e na área da saúde, para que seja possível realizar orientações necessárias naquele processo de sofrimento que está instalado, onde intervenham na perspectiva social daquela mulher que sofre, promovendo a autoestima e autonomia, sendo que esse tipo de

violência é um produto de construção social que vem ocorrendo no decorrer dos anos e que devem ser modificados (SILVA; ATAÍDE; MOREIRA, 2021).

A Psicologia, enquanto ciência e profissão precisa comprometer-se com a causa da atenção qualificada às mulheres vítimas de violência, tanto na perspectiva do acolhimento, da escuta, como do incentivo ao protagonismo. A ênfase que é conferida às vítimas precisa contemplar também os agressores, tendo em vista a finalidade de minimizar a reincidência dos comportamentos adoecidos e adoecedores.

5 CONCLUSÃO

A violência doméstica vivenciada por muitas mulheres tornou-se um problema social que tem resultados negativos na sociedade e ainda mais nas vidas das vítimas e de seus familiares, que têm seus direitos violados. A Psicologia apresenta um papel importante nesse contexto crítico, que tem como principal objetivo acolher e compreender a realidade dessas mulheres, auxiliando na melhoria da saúde mental e na inserção das mesmas novamente na sociedade, de modo saudável e compatível com seus projetos de vida.

O presente trabalho teve como objetivo identificar os tipos de violência doméstica e como essa brutalidade afeta de forma negativa a vida de várias mulheres no Brasil e no mundo, evidenciando algumas intervenções possíveis para a Psicologia, que vem tornando-se agente fundamental, na tentativa de melhoria de vida dessas vítimas, a partir de uma dimensão terapêutica que potencialize o olhar amplo e compatível com a complexidade da situação vivenciada.

De acordo com os resultados encontrados, foi possível identificar a importância de se divulgar e mostrar cada vez mais às mulheres que a violência não se resume apenas em hematomas e na morte de algumas vítimas. A violência pode começar singela e ir, aos poucos se intensificando a partir de cada episódio. Faz-se necessário mostrar que existe uma realidade a ser vivida fora daquele ciclo de violência e que é possível reconstruir a autonomia e a integridade daquelas vítimas, com a ajuda de uma rede de apoio e com o cuidado de profissionais capacitados.

A Psicologia, enquanto ciência e profissão precisa compor essa história com o compromisso de reconfigurar a realidade posta, no intuito de desmistificar a naturalidade e a culpabilização da mulher pelos fatos. Romper com histórias cíclicas

a partir do cuidado individualizado que produza resultados no âmbito da construção de histórias de vida saudáveis. Isso reitera o papel militante dessa profissão, na reafirmação dos direitos humanos das minorias e na reconfiguração do que parece imutável.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Governo do Brasil. **Denunciar e buscar ajuda a vítimas de violência contra mulheres (Ligue 180)**: Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180", " Lei Maria da Penha". Brasília, DF, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-e-buscar-ajuda-a-vitimas-de-violencia-contra-mulheres>. Acesso em: 08 ago. 2021.

CABRAL, Alessandra Alves. **Violência doméstica**: aspectos destacados da lei 11.340/06. 2008. 86 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Universidade do Vale do Itajaí, Tijucas, 2008. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Alessandra%20Alves%20Cabral.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CIDREIRA, Maria Carolina Castelo Branco. Cicatrizes da dor: as consequências da violência doméstica na saúde física da mulher. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS: um século de reforma e revolução., 8., 2017, São Luís. **Anais** [...] São Luís: UFMA, 2017. p. 1-12. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/cicatrizesdadorasconsequenciasdaviolenciadomesticanaasaudefisicadamulher.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

CRUZ, Mércia Santos; IRFFI, Guilherme. Qual o efeito da violência contra a mulher brasileira na autopercepção da saúde? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 7, p. 2531-2542, jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018247.23162017>. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2019.v24n7/2531-2542/pt>. Acesso em: 02 jul. 2021.

DAY, Vivian Peres *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **R. Psiquiatria**, Porto Alegre, v. 25, supl. 1, p. 9-21, abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/5SdJkYSszKYNDzcfbbRTL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2021.

DEEKE, Leila Platt *et al.* A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 248-258, jun. 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902009000200008&script=sci_arttext. Acesso em: 12 mar. 2021.

FONSECA, Denire Holanda da; RIBEIRO, Cristiane Galvão; LEAL, Noêmia Soares Barbosa. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, João Pessoa, v. 2, n. 24, p. 307-314, 30 abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/07.pdf>. Acesso em: 15

fev. 2021.

FONSECA, Paula Martinez da; LUCAS, Taiane Nascimento Souza. **Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas**. 2006. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2006. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2021.

GOMES, Romeu; MINAYO, Cecília de Souza; SILVA, Claudio Felipe Ribeiro da. **Violência contra a mulher: uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero**. Brasília: 2005. (Série B: Textos Básicos de Saúde). Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0199.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2021.

INSTITUTO MARIA DA PENHA - IMP. **Ciclo da violência**: saiba identificar as três principais fases do ciclo e entenda como ele funciona. Recife, 2018a. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/ciclo-da-violencia.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

INSTITUTO MARIA DA PENHA - IMP. **O que é violência doméstica**. Recife, 2018b. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/violencia-domestica/o-que-e-violencia-domestica.html>. Acesso em: 20 dez. 2020.

MACHADO, Andrezza Souza Martinez; LOURENÇO, Lélío Moura; BHONA, Fernanda Monteiro de Castro. Intervenção com mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão bibliométrica. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v. 15, n. 1, p. 1-12, mar. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n1/13.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

MANITA, Celina; RIBEIRO, Catarina; PEIXOTO, Carlos. **Violência doméstica: compreender para intervir, guia de boas práticas para profissionais de saúde**. Lisboa: Comissão para a cidadania e igualdade de gênero; Presidência do Conselho de Ministros. 2009. 65 p. (Coleção Violência de Género). Disponível em: https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13450/1/VD4_GBP_PROFSSIONAIS_SAUDE.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

NETTO, Leônidas de Albuquerque *et al.* Violência contra a mulher e suas consequências. **Acta Paul Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 27, p. 458-464, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/yhwcb73nQ8hHvgJGXHhzw8P/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2021.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PORTO, Madge. Intervenção psicológica em abrigo para mulheres em situação de violência: uma experiência. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, v. 24, n. 3, p. 369-374, set. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722008000300014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/vLpQgYnKYVhFXbhjvZtgDDN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021.

PORTO, Madge. Violência contra a mulher e atendimento psicológico: o que pensam os/as gestores/as municipais do sus. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 26, n. 3, p. 426-439, set. 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932006000300007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bFwrhK5bWyYZ6xLqv9mpHzk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/safiotti_heleieth_-_genero_patriarcado_e_violencia_1.pdf Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTI, Liliane Nascimento de; NAKANO, Ana Márcia Spanó; LETTIERE, Angelina. Percepção de mulheres em situação de violência sobre o suporte e apoio recebido em seu contexto social. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 417-424, set. 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-07072010000300002>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072010000300002&script=sci_arttext. Acesso em: 12 mar. 2021.

SILVA, Helem Cristiane Santos; ATAÍDE, Mirian Ferreira Brito de; MOREIRA, Thaís Diniz Santos. Atenção psicológica à mulher em situação de violência doméstica no Brasil: uma revisão integrativa. **Textura**, Governador Mangabeira, v. 14, n. 2, p. 95-102, 13 maio 2021. http://dx.doi.org/10.22479/texturav14n2p95_102. Disponível em: <https://textura.famam.com.br/textura/article/view/423/333>. Acesso em: 19 out. 2021.

SILVA, Luciane Lemos da; COELHO, Elza Berger Salema; CAPONI, Sandra Noemi Cucurullo de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, Florianópolis, v. 11, n. 21, p. 93-103, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/icse/2007.v11n21/93-103/pt>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SIMIANO, Rafaela; D'AVILA, Luciane da Silva. O papel do psicólogo no atendimento a mulheres vítimas de violência doméstica. **Ciências da Saúde**, Florianópolis, v. 01, n. 01, p. 1-10, mar. 2019. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/index.php/pos-graduacao/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas/trabalhos-de-conclusao-de-bolsistas-a-partir-de-2018/ciencias-da-saude/especializacao-2/932-o-papel-do-psicologo-no-atendimento-a-mulheres-vitimas-de-violencia-domestica/file>. Acesso em: 27 ago. 2021.

ZANCAN, Natália; WASSERMANN, Virginia; LIMA, Gabriela Quadros de. A violência doméstica a partir do discurso de mulheres agredidas. **Pensando Família**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 63-76, jul. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100007. Acesso em: 12 mar. 2021.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para concluir essa etapa

significativa em minha vida.

À minha família, minha mãe Gislaine, meu padrasto Reginaldo e ao meu irmão Davi, que me acompanharam em todos os momentos de elaboração dessa pesquisa e durante minha vida, com apoio incondicional, com amor, incentivo e força.

Aos meus primos, que sempre estiveram ao meu lado, até mesmo nos momentos difíceis.

Gostaria de agradecer também aos meus avós, Antônio e Sebastiana, que sempre foram exemplos de determinação e cuidado.

Aos meus amigos, que colaboraram direta e indiretamente em minha formação.

À minha orientadora, que não mediu esforços para auxiliar-me durante toda essa caminhada, que me acolheu e ajudou em cada etapa dessa conquista.

Gratidão aos professores, que me ensinaram muito mais que teorias, com paciência e dedicação.